



Arquivo

“Só o esforço de todos pode garantir o êxito do plano”

Queda da ‘prime’ ajuda a reduzir outras taxas

ERIC N. BERG
Do N. Y. Times

NOVA YORK — A redução da taxa de desconto pela Junta de Reserva Federal, na última sexta-feira, deu maior confiança aos banqueiros quanto à direção da taxa de juros, possibilitando, já na segunda-feira, uma queda de 0,5% na *prime rate* (taxa preferencial de juros cobrada pelos bancos nos empréstimos aos seus melhores clientes, ou àqueles que representam menor risco para os credores).

Daniel T. Van Dike, chefe do serviço de previsão norte-americana no **Bank of America**, ao comentar a decisão da Junta de Reserva Federal, afirmou que o organismo “ratificou o movimento em taxas a curto prazo”. Isso, a seu ver, deu maior segurança aos bancos quanto às medidas relativas ao estabelecimento de todas as suas taxas.

A *prime* afeta principalmente empresas pequenas e médias, que irão economizar nos seus custos de empréstimos. Alguns empréstimos a consumidores, tais como hipotecas de construções, também estão ligados à *prime*.

Além disso, muitos países devedores do Terceiro Mundo — incluindo o México e outros que estão seriamente endividados junto aos bancos norte-americanos — têm empréstimos baseados na *prime rate*. Uma redução de 0,5% significará uma economia de muitos milhões de dólares para esses países.

No passado, reduções da *prime* frequentemente levaram a cortes em outras taxas, como, por exemplo, as cobradas sobre empréstimos para a compra de automóveis, de casas e para reforma de imóveis. Mas os bancos já diminuíram essas taxas, levando muitos economistas a concluir que os consumidores não se beneficiarão do último corte na *prime*. “Isso não irá fazer muitas diferenças para os consumidores quando eles forem aos bancos amanhã (hoje) com a

finalidade de levantar um empréstimo”, disse Van Dyke.

No entanto, apesar dessas observações, outros banqueiros se mostraram divididos quanto à direção futura das taxas de juros.

William J. McDonough, o principal funcionário financeiro do **The First National Bank of Chicago**, por exemplo, disse acreditar que as taxas de juros cairão ainda mais no decorrer das próximas semanas. Além desta previsão, ele entende que o crescimento econômico será modesto, refletindo um desaceleração nas vendas de automóveis, um aumento nos estoques de outros itens de consumo e uma queda nos gastos com bens de capital.

“PARA BAIXO”

“A direção geral das taxas de juros será para baixo, mas o movimento será bastante lento”, disse McDonough. Ele afirmou que a Reserva Federal não permitirá que as taxas caiam rapidamente, porque um declínio acentuado iria enfraquecer dramaticamente o dólar e estimular a inflação, na medida em que os Estados Unidos importariam mercadorias mais dispendiosas.

Mas alguns banqueiros como Jeffrey R. Leeds, diretor-administrativo do **The Chemical Bank**, disse prever poucas modificações futuras adicionais nas taxas de juros. Leeds afirmou que sua previsão tem por base a crença de que o crescimento econômico será robusto nas próximas semanas e que os efeitos dos preços mais baratos do petróleo sobre a inflação e sobre as taxas de juros já foram sentidos. “A maior parte das quedas nas taxas de juros já aconteceu”, disse.

Como geralmente fazem após uma redução da *prime*, os bancos informaram, ontem, que os seus próprios custos de fundos tinham diminuído. Por exemplo: a taxa referente aos certificados de depósitos de 30 dias era de 6,60% na segunda-feira; para termos de comparação, essa mesma taxa era de 7,13% há um mês.